

Caminhos de Ogum: autoetnografia de uma brasileira negra na Universidade do Texas

resumo

Analiso neste artigo minhas vivências enquanto mulher negra brasileira e estudante de doutorado na Universidade do Texas em Austin com uma abordagem autoetnográfica. Este trabalho é o resultado final da aula "Embodied Ethnography", ministrada pela Dra. Ashanté M. Reese no primeiro semestre de 2024. As experiências narradas incluem uma perspectiva própria sobre construção de comunidade, enfrentamento de vulnerabilidades de gênero, raça e classe, e os desafios relacionados à integração cultural em um ambiente acadêmico internacional. Descrevo momentos como a formação de um grupo de estudos entre brasileiros que proporcionou apoio emocional e reflexões sobre as pressões acadêmicas. Na participação no XVII Congresso da Brazilian Studies Association, em San Diego, abordo a perspectiva de irmandade e como a conexão com outras mulheres negras evidencia a presença do "quilombo". Busco explorar a relação com a ancestralidade e espiritualidade, bem como a importância do candomblé e do orixá Ogum em minha trajetória. Por fim, reflito sobre como emoções, afeto e humanidade podem ser recursos políticos e metodológicos na pesquisa acadêmica.

palavras-chave

mulher negra; autoetnografia; ancestralidade; quilombo; espiritualidade.

Paths of Ogum:
autoethnography of a
black Brazilian woman
at the University of Texas

abstract

In this article, I analyze my experiences as a black Brazilian woman and doctoral student at the University of Texas at Austin, through an autoethnographic approach. This work is the final result of the class Embodied Ethnography, taught by Dr. Ashanté M. Reese, held in the fall of 2024. The experiences recounted include my perspective on community building, coping with gender, race, and class vulnerabilities, and the challenges related to cultural integration in an international academic environment. I describe moments such as forming a study group among Brazilians, which provided emotional support and reflections on academic pressures. Through participation in the XVII Congress of the Brazilian Studies Association in San Diego, I address the perspective of sisterhood and how the connection with other black women highlights the presence of the “quilombo”. I explore the relationship between ancestry and spirituality, the role of candomblé, and the importance of the orisha Ogum in my trajectory. Finally, I reflect on how emotions, affection, and humanity can be political and methodological resources in academic research.

keywords

black woman; autoethnography;
ancestry; quilombo; spirituality.

Caminos de Ogum:
autoetnografía de
una mujer negra brasileña
en la Universidad de Texas

resumen

En este artículo, analizo mis vivencias como mujer negra brasileña y estudiante de doctorado en la Universidad de Texas en Austin, a través de un enfoque autoetnográfico. Este trabajo es el resultado final de la clase Embodied Ethnography, impartida por la Dra. Ashanté M. Reese, realizada en el otoño de 2024. Las experiencias narradas incluyen mi perspectiva sobre la construcción de comunidad, el enfrentamiento de vulnerabilidades de género, raza y clase, y los desafíos relacionados con la integración cultural en un entorno académico internacional. Describo momentos como la formación de un grupo de estudio entre brasileños, que proporcionó apoyo emocional y reflexiones sobre las presiones académicas. A través de mi participación en el XVII Congreso de la Brazilian Studies Association, en San Diego, abordo la perspectiva de hermandad y cómo la conexión con otras mujeres negras evidencia la presencia del “quilombo”. Busco explorar la relación con la ancestralidad y la espiritualidad, así como el papel del candomblé y la importancia del orixá Ogum en mi trayectoria. Finalmente, reflexiono sobre cómo las emociones, el afecto y la humanidad pueden ser recursos políticos y metodológicos en la investigación académica.

palabras-clave

mujer negra; autoetnografía;
ancestralidad; quilombo; espiritualidad.

1. Introdução

Era pandemia e eu acabara de reencontrar alguém especial. Falávamo-nos por WhatsApp, Pai Rodney William e eu. “Com que armas você luta?”, perguntou-me ele, antropólogo, doutor em Ciências Sociais e babalorixá do Candomblé, religião de matriz africana criada a partir das memórias espirituais que os escravizados vindos da África levaram ao Brasil. Sem compreender a pergunta, não respondi, apenas fixei nele o meu olhar, aguardando alguma outra informação para que eu pudesse dar a ele uma devolutiva. “Prepare-se, porque Ogum²⁰ a chama para guerrear”, complementou. Ele jogava búzios para mim e trazia informações de Ifá, oráculo de ancestralidade africana. “Se você escreve e estuda, estas são suas armas. Prepare-se, porque isso tudo começa fora do Brasil”, previa Pai Rodney.

Entre abstrações e incertezas sobre o que me orientou Ifá, após dez anos do término do meu mestrado, comecei, em 2020, tanto a minha jornada rumo ao doutorado quanto a minha entrada no terreiro Ilê Obá Ketu Axé Omi Nlá, do qual Pai Rodney é o responsável. Dois anos depois, em 2022, ingressei no PhD no Teresa Lozano Long Institute of Latin American Studies (LLILAS), da University of Texas at Austin (UT Austin). O número de estudantes brasileiros matriculados em cursos de graduação e pós-graduação nos Estados Unidos cresceu nos últimos dois anos (Dino, 2024). Existem atualmente cerca de 5 mil estudantes brasileiros de pós-graduação no país (Open Doors, 2023). Há 204 brasileiros vinculados à UT Austin, incluindo estudantes e pesquisadores (Texas Global, 2024), mas certamente há pouco conhecimento dentro desta universidade sobre nossas histórias como imigrantes. Por esta razão, esta etnografia visa trazer à tona o cotidiano de pós-graduandos de diferentes departamentos e institutos do College of Liberal Arts da UT Austin.

Tenho como objetivo reforçar a importância do estabelecimento de conexões e comunidades entre estudantes brasileiros, como suporte emocional e social, de preservação cultural, de apoio prático e de transmissão de conhecimento e experiência sobre viver fora do nosso país de origem. Utilizo para este trabalho as observações e diálogos que ocorreram durante o grupo de estudo de brasileiros, ocorrido na Perry-Castañeda Library (PCL), entre fevereiro e março de 2024, e durante o XVII Congress of the Brazilian Studies Association, que aconteceu entre 3 e 6 de abril. De maneira autoetnográfica, trago também minhas reflexões, angústias e alegrias vivenciadas ao lado de outros brasileiros, mas, especialmente, de mulheres negras brasileiras como eu. Alguns nomes mencionados neste texto foram alterados para preservar a identidade das pessoas envolvidas.

Argumento que as experiências de mulheres estudantes negras brasileiras se diferenciam das dos demais estudantes brasileiros da UT Austin, assim como a maneira como se organizam em comunidade. Não há como fechar os olhos para o nosso alto grau de vulnerabilidade que antecede a nossa chegada nos Estados Unidos, pois somos atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, combinação chamada por Akotirene de “modernos aparatos coloniais” (Akotirene, 2019, p. 14). Além disso, nossas estratégias de sobrevivência antes de chegar a UT Austin também não podem ser

²⁰ Ogum é considerado um orixá guerreiro, sanguinário, cruel, instável, dominador e impaciente. Por outro lado, é aquele que abre os caminhos, aponta novas oportunidades, proporciona a força para as disputas e dificuldades do cotidiano. É este orixá “que nos dá os instrumentos necessários à nossa sobrevivência, que garante a nossa segurança e vence por nós as nossas guerras” (Prandi, 2020, p.9).

negligenciadas. A partir de quem somos, de nossa identidade enquanto mulheres negras brasileiras, relaciono nossas experiências compartilhadas à ideia de quilombo, um assentamento social e uma organização que criam uma ordem interna e estrutural (Nascimento, 2021) que pautam nossas relações. Essa formação de um "quilombo" transnacional reforça também a necessidade de construir espaços de pertencimento em contextos estrangeiros.

A autora bell hooks (2010) aponta que as comunidades negras criam formas de resistência e resiliência através do afeto e da solidariedade: "O afeto não é apenas um recurso político, mas uma fonte de empoderamento coletivo" (p. 25). Refletimos em nossas reuniões como essas práticas podem ser vividas em uma nova configuração, marcada pela diáspora e pela busca de novas formas de pertencimento e identidade. Ainda, Sueli Carneiro (2011) destaca que a subalternização das mulheres negras é um processo histórico que atravessa diversas dimensões sociais, incluindo a educação e o mercado de trabalho, o que ecoa nas experiências de mulheres negras em espaços transnacionais. Esse contexto, segundo Carneiro, reforça as dinâmicas de exclusão e invisibilidade, mas também potencializa a criação de redes de suporte e resistência.

2. O grupo brasileiro de estudos da PCL

Para realizar este trabalho etnográfico para a aula de *Embodied Ethnography* e estudar com outros brasileiros, participei de um grupo de estudos formado por estudantes do Brasil na Perry-Castañeda Library (PCL), na University of Texas at Austin, entre fevereiro e março de 2024. O grupo se reunia na área reservada para pós-graduandos, às segundas-feiras, para estudar e compartilhar vivências. Inspirada pelo conceito de autoetnografia, buscava me posicionar tanto como pesquisadora quanto como sujeita da investigação (Da Silva; Do Nascimento Silva de Oliveira, 2021). Os integrantes fixos do grupo eram Felipe, Paulo e Amanda, amiga próxima desde 2022. Todos do departamento de Espanhol e Português, decidiram estudar juntos para se motivarem mutuamente e superar as dificuldades do estudo solitário em casa.

Estávamos no segundo ano do doutorado: Amanda é do Rio de Janeiro, Paulo, da Bahia, Felipe, de Pernambuco, e eu, de São Paulo. Conheci todos em 2022, no primeiro semestre, na aula de *Urban Brazil*, ministrada pela professora Lorraine Leu. Esse foi nosso primeiro ponto de encontro acadêmico, seguido pelas disciplinas *Brazilian Cultural Theory* e *Black Feminist Epistemologies*, esta última ministrada pela filósofa e ativista negra Sueli Carneiro, que reuniu o maior número de alunos já visto na história do LLILAS. Durante as aulas, Paulo frequentemente levava pastéis para compartilhar, reforçando o sabor do Brasil no ambiente acadêmico. Na primeira reunião do grupo na PCL, ele trouxe um quibe frito, uma delícia que marcou aquele dia.

Além de momentos de estudo, nossas reuniões eram permeadas por conversas informais, trocas de experiências e comidas caseiras: arroz com berinjela, carne moída, salada, e um café brasileiro forte, muito mais saboroso do que o disponível localmente. Compartilhávamos angústias acadêmicas, discutíamos estratégias para lidar com prazos e trabalhos finais, conectando nossas experiências pessoais ao contexto sociocultural em que estávamos inseridos. Esse ambiente transformava minha pesquisa autoetnográfica em uma extensão da minha vivência, aliás, "viajar pelo mundo é uma questão de aprender as diferentes regras e normas destes Outros mundos e então escolher jogar de acordo com essas regras ou não" (Madison, 2022, p.28).

Participaram também outros brasileiros. Vitor, de Goiás, por exemplo, desabafou sobre os desafios no doutorado, chegando a considerar desistir. Em um desses encontros, após eu expor as pressões que sentia para manter notas excelentes, Lucas, outro colega, ofereceu conselhos valiosos sobre equilibrar expectativas acadêmicas e aproveitar a vida em Austin. As reflexões do grupo frequentemente tocavam nas exigências acadêmicas e em como essas demandas replicavam traumas de contextos educacionais e profissionais brasileiros.

Os encontros refletiam a necessidade de manter um equilíbrio entre as demandas acadêmicas e o bem-estar pessoal. As recomendações que eu mais recebi foram para que me divertisse mais com minha família, que tirasse um tempo de descanso, me conectasse com o que me trouxesse mais alegria e que não tentasse ser uma estudante absolutamente perfeita. Esses conselhos foram essenciais em dias sombrios, foram parte da construção de uma comunidade fora do seu departamento. Parecia mesmo seguir o conselho de Chelsey Cartes (2019), escrito em *Trauma e Resiliência*: “Você não está sozinho. Encontre pessoas com ideias semelhantes que existam fora de seus espaços acadêmicos físicos e virtuais. Existem pessoas brilhantes que não existem apenas em espaços acadêmicos de elite.”

Como mulher negra de uma geração que começou a ter mais fácil acesso às universidades, rompendo com a necessidade de ocupar posições subalternas, sentia que ainda carregava o peso de provar ser uma estudante exemplar. Essa expectativa reflete o contexto de exclusão e subalternização discutido por Sueli Carneiro (2003), que aborda como as estruturas sociais no Brasil perpetuam essas dinâmicas por meio do racismo e sexismo. Carneiro argumenta que o feminismo tradicional brasileiro, ao se basear em uma perspectiva eurocêntrica, negligencia as especificidades das mulheres negras, adotando como paradigma a experiência da mulher branca ocidental. Essa abordagem desconsidera como as hierarquias de gênero estão profundamente atravessadas por questões raciais, reforçando tanto a invisibilidade quanto a subalternização das mulheres negras (Carneiro, p. 120). Dessa forma, ser uma estudante exemplar não era apenas uma busca pessoal por excelência, mas uma tentativa de resistir às narrativas históricas que negam às mulheres negras o direito de ocupar espaços acadêmicos em plenitude. Esse esforço, embora individual, também carrega um peso coletivo: o de desafiar estruturas que ainda precisam reconhecer a diversidade e a complexidade das experiências negras no Brasil.

Gonzalez (2020) aponta que concepções feministas eurocêntricas, ao omitir a centralidade da raça, reproduzem o mito da democracia racial e reforçam a exclusão. Para Gonzalez, a opressão vivida pelas mulheres negras não pode ser reduzida a uma dimensão de gênero, pois ela é atravessada de maneira fundamental pelas dinâmicas de raça e classe:

A situação da mulher negra, hoje, não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama, da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos, enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então

desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito de quilombola não a deixa soçobrar (p.181).

Academicamente, meu olhar autoetnográfico deste trabalho converge na busca de fundamentações de um feminismo negro que reconhece as intersecções entre raça, gênero e classe como estruturantes das desigualdades no Brasil, reproduzidas também fora do país. Apesar dos momentos significativos, o grupo de estudos da PCL enfraqueceu à medida que os estudantes do departamento de Espanhol e Português realizavam suas provas de qualificação. Contudo, ainda houve oportunidades de interação, como no XVII Congress of the Brazilian Studies Association, realizado entre 3 e 6 de abril de 2024, onde brasileiros de diversas partes do mundo se reuniram, reforçando laços acadêmicos e culturais. Minha estada em San Diego, entre 4 e 7 de abril, também marcou o encerramento deste período de trocas intensas.

3. Viagem para a Califórnia: um olhar para dentro de mim

No dia 4 de abril, saí de casa de manhã, com o sol nascendo em Austin, Texas. Os desafios com o idioma me acompanharam desde a hora que deixei a minha zona de conforto – o carro que meu companheiro me levou até o aeroporto, onde também estava meu filho mais novo, Miguel – até San Diego. O incômodo com o inglês nunca me abandona e isso é extremamente cansativo apenas. No avião, cujas passagens de ida e volta foram pagas pelo Jon M. Tolman Award que recebi, refleti sobre o doutorado, começado pela orientação do oráculo Ifá (Jagun, 2015). Concluí que o estranhamento que sinto nos Estados Unidos é porque nunca me imaginei aqui, já que toda minha vida estava desenhada no Brasil, com minha casa, meu trabalho e as realizações profissionais que eu sentia, minha família e amigos.

Em 2020, Ifá me disse para atentar-me a um convite para retomar um projeto grande, o doutorado. Minha jornada acadêmica é, portanto e primordialmente, espiritual e em consonância com minha ancestralidade negra. Estou aqui vencendo batalhas diárias como filha de Ogum. Não estou só, estou com Ele. A minha fé está em orixá, mas também na escolha de ter vindo para este país, mesmo diante de tudo o que eu desconheço, aliás acredito na importância e no propósito do meu projeto, no qual trabalho com familiares de mulheres negras encarceradas na Penitenciária Feminina de Sant’Ana (PFS), em São Paulo. Em meu trabalho, registrar as narrativas das famílias de mulheres negras encarceradas é um encontro entre histórias de resistência e meu próprio percurso como mulher negra em busca de sentidos para a ancestralidade e a luta coletiva. O sistema prisional brasileiro, que encarcera massivamente pessoas negras, é um cenário que conheci a partir de suas margens, ouvindo vozes que narram adversidades, enfrentamentos e estratégias de conexão. Esse registro é memória viva (Biazeto, 2024). O que emerge dessas narrativas vai além da dor e da separação: são histórias de presença que subvertem a invisibilidade imposta às mulheres presas e às suas famílias. Como mulher negra, cada relato que registro é também um espelho de lutas que reconheço como coletivas, mesmo em sua expressão individual. Este trabalho, apoiado pelo Archiving Black America – Black Diaspora Archive (ABA-BDA), é, para mim, uma reafirmação das estratégias de afeto, conexão e sobrevivência de famílias negras em meio a um espaço tão hostil. Ao tornar essas histórias públicas, busco não apenas preservar memórias, mas reafirmar a humanidade que essas famílias, silenciosamente, nunca deixaram de reivindicar. Em cada fotografia,

em cada frase ouvida, há uma insistência em existir, e isso ressoa como um chamado para que eu também persista.

Minhas experiências enquanto filha de Ogum são também marcadas por uma constante revisão de meu lugar no mundo e minha relação com a ancestralidade. O candomblé me ensinou que uma das principais armas de Ogum é a coragem. Prandi (2020) afirma que Ogum é um orixá que representa a luta e a superação de obstáculos, valores que guiam meu percurso desde o início do doutorado até os desafios enfrentados em um ambiente acadêmico competitivo e racialmente excludente.

A espiritualidade também se manifesta na minha prática acadêmica, como um recurso de fortalecimento. Smith e Leu (2023) discutem como as conexões espirituais na diáspora negra oferecem recursos emocionais e intelectuais para enfrentar as violências estruturais e os desafios do cotidiano. Essa perspectiva dialoga com minha experiência, onde ancestralidade e resistência estão interligadas.

O trajeto até San Diego e a necessidade de atenção às minhas notas de campo me fizeram refletir sobre isso tudo. Voltar para o livro de Prandi (2020), lido assim que comecei a frequentar o candomblé, reativou memórias e justificativas para minha vinda ao doutorado nos Estados Unidos. Aquelas horas de avião me lembraram também a ida ao Brasil, no verão de 2023, na qual passei a viagem toda olhando para a pequena tela na cadeira da frente, tentando entender a localização dos estados desse país onde vivo. Eu não conheço a geografia daqui. Aproveitei o voo para enviar mensagens aos meus interlocutores da pesquisa, dizendo que estava levando suas histórias para a Califórnia. Essa comunicação com meus interlocutores no voo foi um momento de reafirmação da importância do diálogo na pesquisa e da responsabilidade de carregar suas histórias para outros espaços. Dora Silva Santana (2019) reflete que o ato de narrar, especialmente para corpos e vozes marginalizados, é mais do que apenas uma prática acadêmica; é um trabalho de amor e resistência que envolve cuidado e re-existência (p. 187). Assim, ao informar meus interlocutores sobre a continuidade de suas histórias em outros contextos, criei uma conexão que transforma o processo de pesquisa em uma experiência de troca contínua e afetiva.

O livro de Prandi, revisitado durante o trajeto, trouxe à tona memórias do início da minha trajetória no candomblé, um espaço que também é marcado pela oralidade e pela partilha de saberes. A escrita de Santana destaca que essas práticas de troca são fundamentais na construção de experiências vividas e narradas, que se transformam em memória coletiva. As histórias que levo para a Califórnia não são apenas registros acadêmicos, mas ecos de vozes que resistem e se recriam em novos contextos. O desconhecimento da geografia dos Estados Unidos, percebido durante o voo, também simboliza o constante (des)locamento que marca minha experiência de viver e estudar fora. Santana escreve sobre a transição como um espaço de simultaneidades, onde o deslocamento físico é acompanhado por processos internos de transformação (Santana, p. 183). Ao mesmo tempo em que me sinto desconectada do território em que vivo, a troca com meus interlocutores reafirma meu lugar no tecido de relações que sustenta meu trabalho e minha própria identidade.

Enviar mensagens durante o voo foi para gerar significado. Representou a atualização sobre o progresso da pesquisa, uma reafirmação de que suas histórias permanecem vivas e que estou comprometida em levá-las comigo, respeitando suas vozes e experiências. Esse ato reflete o que Santana chama de 'trabalho de amor negro queer/trans', um compromisso com o cuidado mútuo e a sobrevivência coletiva, mesmo diante de geografias que nos distanciam fisicamente (Santana, p. 188). O trajeto até San Diego foi um momento de reflexão sobre minha responsabilidade como mediadora de histórias. Cada etapa do percurso reforça a ideia de que a pesquisa não é apenas um esforço individual, mas um processo profundamente coletivo, sustentado pelas conexões entre mim, meus interlocutores e as memórias que carregamos juntos.

4. Doutorandas negras em San Diego

Minha estadia em San Diego, para o XVII Congress of the Brazilian Studies Association, foi a casa de minha amiga negra e brasileira Daniela, que conheço há mais de 20 anos, desde quando trabalhamos como jornalista recém-formadas numa ONG cujo foco era o acesso da população negra às universidades brasileiras. Esta foi a segunda vez que nos encontramos desde que cheguei nos Estados Unidos. Na primeira, ela foi até Austin visitar a mim e minha família. Assim como eu, Ana Carolina, amiga negra e brasileira, estudante do LLILAS, também se hospedou na casa da Daniela. Ao chegar, as duas me esperavam para o café da manhã, junto com Andressa, filha de brasileira, e July, negra e brasileira, um casal que passava uns dias no apartamento também. Tínhamos na mesa café Melitta e pão quente com margarina Dorian, um gostoso café da manhã brasileiro. Entre as amigas das amigas, formamos a nossa pequena comunidade, predominantemente negra, com poder curativo, conforme informa hooks (2023), que me ajudaram a tratar das feridas acadêmicas daquele duro semestre através de risadas e boas conversas:

Enquanto mulheres negras que andam juntas, ao lado de todas as outras pessoas no mundo em busca de recuperação e libertação, nós descobrimos uma vontade de sermos bem afirmadas, encontramos formas de conseguir aquilo de que precisamos para aliviar a dor, para fazê-la ir embora (p.205).

Durante todo congresso, Ana Carolina, eu e Daniela utilizamos o critério racial para selecionarmos o que assistiríamos. De fato, nem tudo nos interessava mesmo que fossem brasileiros e brasilianistas palestrando. Percebi que era isso que acontecia com a maioria das pessoas negras presentes: pessoas negras lotavam eventos negros. Logo no dia que cheguei, um grupo de WhatsApp de negros foi criado. Organizamos uma foto para registrar o grande número presente, aproximadamente 40, mesmo que não chegássemos nem a 10% da totalidade. A maioria de nós era a primeira geração de nossas famílias com acesso ao Ensino Superior. Somos a colheita das lutas do movimento negro brasileiro, transformando a não existência em presença enquanto ação política (Gomes, 2019).

Esta centralidade da minha narrativa pessoal e das minhas escolhas sociopolíticas neste texto também fazem parte da autoetnografia, assim como essa relação que busco demonstrar entre o coletivo e eu, que me proporciona fazer análises críticas sobre minhas experiências pessoais e os fenômenos sociais de maneira qualitativa e contextualizada. Mas mais do que isso, é possível ampliar a reflexão através da ideia de uma autoetnografia negra

feminista, metodologia que utiliza a experiência de mulheres negras acadêmicas como ferramenta crítica para amplificar suas vozes e resistir às opressões de raça, gênero e classe, conforme apontado por Griffin (2012) e Salters (2016), citadas por Da Silva e Do Nascimento Silva de Oliveira (2021).

Nos dias em que estivemos em San Diego, Daniela levou Ana Carolina e eu para encontrarmos o mar. À noite, ouvíamos o barulho das ondas, de dia, emocionava-nos a beleza daquela imensidão. Ana Carolina e eu somos de religiões de matriz africana, cultuamos Iemanjá, orixá considerada a protetora das cabeças, da saúde mental das pessoas (Jagun, 2015, p. 102), e vivíamos em cidades litorâneas do Brasil. Nós, parte da diáspora negra, temos uma relação importante com o mar, que tanto nos remete ao pesadelo do deslocamento dos nossos ancestrais no período de escravidão quanto ao sonho deles de retorno ao continente africano (Smith; Leu, 2023).

Na noite em que cheguei a San Diego, Daniela parou o carro numa praia da Califórnia e disse, brincando: “Eu sou evangélica, vocês são macumbeiras. Vão fazer o que tem que ser feito”. Desci do carro, pulei a mureta da praia. Fui ver com os olhos, com o nariz e com as mãos o oceano à minha frente. Corri para a areia feito criança, com chuvisco e vento frio no rosto. Reverenciei Iemanjá, senti a lágrima descer, respirei fundo, agachei-me para tocar aquelas partículas brancas, esfreguei-as nas mãos. Depois de meses sem ver o mar, através da escrita deste artigo, compreendi que com esse breve ritual eu pretendia me preencher daquilo que, conforme Smith e Leu (2023), a calunga¹ poderia me proporcionar: “recursos espirituais, emocionais e intelectuais para enfrentar a violência dos arranjos persistentes de poder racializado”, o mesmo que hoje vivo intensamente nos Estados Unidos.

Apoio-me em Omise'eke Natasha Tinsley (2008) que diz que as experiências do povo negro surgiram em contatos marítimos intercontinentais há centenas de anos, no século XVII, no Oceano Atlântico:

A água do oceano é a primeira coisa na confluência instável de raça, nacionalidade, sexualidade e gênero que quero imaginar aqui. Essa aguada é metáfora, e história também. As experiências de pele marrom e corpo fluido agora chamadas de negritude e estranheza surgiram em contatos marítimos intercontinentais há centenas de anos: no século XVII, no Oceano Atlântico (p.191).

Essa metáfora do oceano como espaço de encontros e transformações ecoou para mim durante o XVII Congress of the Brazilian Studies Association, onde apresentei ao lado de Ana Carolina, Vera, Amanda, todas estudantes da UT Austin, e Vitória, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Nosso tema foi “Reação e resistência: Imaginar futuros possíveis no Brasil e na Diáspora Africana”. Éramos todas mulheres negras brasileiras que, no dia a dia, não conseguimos fazer muitas programações conjuntamente. Percebi que, enquanto pessoas negras, devido ao local onde estávamos hospedadas, aos horários diferentes que frequentávamos o congresso e aos nossos diversos interesses de pesquisa, raramente estávamos todas juntas, mas em pequenos grupos, aquilombados.

Sabe-se que quilombar deriva de quilombo, um conceito dos africanos banto, que há séculos vem sendo ressignificado no Brasil. Como afirma Beatriz Nascimento, o quilombo é mais do que um espaço físico; é uma atitude coletiva

de pessoas negras que buscam "se conservar no sentido histórico e de sobrevivência grupal" (Nascimento, 2021, p. 118). Trata-se de uma forma de organização social e comunitária que estabelece uma ordem interna e estrutural, mesmo em condições de exclusão e isolamento social. Esses espaços, historicamente criados à margem da sociedade, mantêm padrões de resistência que perpetuam as tradições e os valores herdados de quilombos formados antes da abolição. O quilombo, portanto, simboliza a continuidade de uma luta negra. Nesse contexto, estar em pequenos grupos no congresso ou ao redor da mesa de café com amigas negras vai além da casualidade, mas resgata os significados de pertencimento e acolhimento que o quilombo carrega.

Essa vivência se aprofundou quando passei quatro dias na casa da Daniela, com Ana Carolina, Andressa e July. Esses dias me trouxeram uma sensação de casa. Tomávamos café da manhã juntas, gostávamos da mesma marca brasileira de café, compartilhávamos o mesmo idioma, o mesmo bolo de cenoura com cobertura de brigadeiro, o vinho e as mesmas refeições, mesmo quando escolhíamos não cozinhar. Em um mundo marcado por histórias de separação e repressão emocional, como bell hooks (2010) nos lembra, nossos ancestrais testemunharam seus filhos sendo vendidos, seus amantes e companheiros apanhando sem razão. A escravidão condicionou as pessoas negras a conterem e reprimirem sentimentos como forma de sobrevivência. Contudo, na contramão desse legado, criamos espaços de resistência onde as emoções reprimidas podem finalmente emergir. Estar entre amigas, compartilhando momentos simples, foi a criação de um desses espaços — um lar temporário onde o afeto e a conexão podiam fluir livremente, desafiando os legados de brutalidade e rompimento que a história nos impôs.

A experiência de passar aqueles dias juntas e criar um espaço de afeto e pertencimento reflete o termo dororidade, de Vilma Piedade (2017). Mais do que uma união entre mulheres, ela surge da compreensão compartilhada de uma dor ancestral, que ecoa no silêncio histórico, na ausência e no não lugar que o racismo nos impôs. Dororidade é reconhecer que carregamos a marca da luta, mas também o peso da exclusão, da invisibilidade e da dor que só pode ser sentida por quem compartilha essa vivência. Estar entre amigas negras, compartilhando momentos simples como o café, as refeições e a conexão cultural, é um ato de cura. É como se, naquele lar temporário, reconstruíssemos juntas um espaço onde nossas dores, silenciadas por tantas vezes, fossem acolhidas e transformadas em força coletiva.

Meu retorno e o de Ana Carolina a Austin foi marcado pelo que chamo de uma revigorante e emocionante celebração, num samba, cujo convite foi feito por July, uma sambista carioca. Era quase uma sensação de estar no Brasil, mas com uma geografia diferente. O oceano era o Pacífico, mas no jogo de vôlei que acontecia na areia o idioma era o português, havia uma tenda montada na praia, com churrasco, uma roda de samba e muitos brasileiros cantando juntos. Ana Carolina, Daniela e eu festejávamos aqueles quatro dias com muito entusiasmo. No meio da cantoria, fui molhar meus pés no mar. Chorei em gratidão aos orixás pela oportunidade de sentir a água salgada no meu corpo depois de oito meses e por ouvir aquelas músicas que aceleraram meu coração. Maitê Freitas (2021) teoriza as razões de sentir tudo isso:

O samba é como o santo: ao baixar no terreiro faz o corpo tremelicar, a voz embarga e os olhos desaguam. Quer saber se o samba é bom? Coloque a mão

no coração e veja se ele pulsa o grave do surdo e as células repicam com o atabaque ou com o tamborim. A manifestação física do ritmo é o Axé, é a ginga que manifesta a vida (p.195).

O samba era ótimo e a sorte era minha por ter a missão etnográfica de trazer notas de campo sobre o congresso brasileiro. Voltei com muito mais do que isso: registros de amor, irmandade negra (hooks, 2010; 2023) e fé renovada. Como mulher negra, de camdomblé e pesquisadora, utilizando o que ensina Piedade (2017), faço questão de trazer estes relatos para validar o axé que carregamos, essa energia vital que, quando dançamos libertas de correntes, empunhamos nossas convicções ancestrais, existimos!

Este trabalho me encorajou a trazer minhas emoções, subjetividades e humanidade, minha voz em primeira pessoa (Williams, 2018) e a alegria de estar com irmãs negras em diáspora como recurso político (Nascimento, 2021; Woodly, 2021). Através destes cuidados e afetos, pude vivenciar este campo etnográfico e refletir sobre conceitos e teorias que ilustrassem o que vivi.

referências referencias

- Akotirene, Carla. 2019. Interseccionalidade. São Paulo.
- Biazeto, Ana Luiza de Freitas. 2023. "Dias de Visita/Visiting Days: Strategies for Connections, Affections and Black Encounters in Latin America's Largest Women's Penitentiary." Austin (TX): Benson Latin American Collection, LILAS Benson Latin American Studies and Collections, The University of Texas at Austin.
https://www.txarchives.org/utlac/finding_aids/00584.xml
- Carneiro, Sueli. 2003. "Mulheres Em Movimento." Estudos Avançados, 2003.
<https://www.scielo.br/j/ea/a/Zs869RQTMGGDj586JD7nr6k/?format=pdf>
- Carneiro, Sueli. 2011. "Enegrecer o Feminismo: A Situação Da Mulher Negra Na América Latina a Partir de Uma Perspectiva de Gênero." Portal Geledés, March 6, 2011.
https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/?gclid=CjwKCAiAjrArBhAWEiwA2qWdCCCOTOJzKF6jiQDfrjd79vdacomXWw-SkAopALow7jq_y8iJvgEkeBoCOHcQAvD_BwE
- Carter, Chelsey. 2019. "Homework': The Highs and Lows of Anthropology at Home." Anthro{dendum} - Trauma and Resilience, June 27, 2019.
<https://anthrodendum.org/2019/06/27/homework-the-highs-and-lows-of-anthropology-at-home/>
- Da Silva, Joselina, and Fabrícia Do Nascimento Silva de Oliveira. 2021. "Auto Etnografia Negra Feminista: Uma Experiência Educativa de Pensadoras Negras." Nodos y Nudos, June 2021, 50 edition.
- Dino. 2024. "EUA Registram Aumento de Estudantes Brasileiros." Valor Econômico, March 11, 2024.
<https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2024/03/11/eua-registram-aumento-de-estudantes-brasileiros.ghtml>
- Freitas, Maetê. 2021. "Samba, Dissembras e Massembras: Os Caminhos Grafados Dos Sambas Escritos." In Cultura Política Nas Periferias: Estratégias de Reexistência. São Paulo 2021.: Fundação Perseu Abramo.

<https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/02/Cultura-poli%CC%81tica-nas-periferias-WEB.pdf#page=191>.

- Gomes, Nilma Lino. 2019. *O Movimento Negro Educador: Saberes Construídos Nas Lutas Por Emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gonzalez, Lélia. 2020. *Por Um Feminismo Afro-Latino-Americano*. Zahar.
- Griffin, Rachel Alicia. 2012. "I AM an Angry Black Woman: Black Feminist Autoethnography, Voice, and Resistance." *Women's Studies in Communication* 35 (2): 138–57.
<https://doi.org/10.1080/07491409.2012.724524>.
- hooks, bell. 2010. "Vivendo de Amor." Portal Geledés, March 9, 2010.
<https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>.
- hooks, Bell, and Floresta. 2023. *Irmãs do inham: Mulheres negras e autorrecuperação*. 1a edição. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes.
- Jagun, Márcio de. 2015. *Orí: A Cabeça Como Divindade*. Rio de Janeiro: Litteris.
- Madison, D. Soyini. 2020. *Critical Ethnography: Method Ethics and Performance* (3rd Edition). Los Angeles, CA: SAGE Publications.
- Nascimento, Beatriz. 2021a. "A Mulher Negra e o Amor." In *Uma História Feita Por Mãos Negras*, edited by Alex, 1a ed. Zahar.
<https://traduagindo.com/2022/08/20/beatriz-nascimento-a-mulher-negra-e-o-amor/>.
- Nascimento, Beatriz. 2021b. *Uma História Feita Por Mãos Negras*. Edited by Alex Ratts. 1a ed. Zahar.
- Open Doors. 2023. "Open Doors 2023 Report on International Educational Exchange." *Academic Level and Places of Origin*.
<https://opendoorsdata.org/data/international-students/academic-level-and-places-of-origin/>.
- Piedade, Vilma. 2017. *Dororidade*. São Paulo: Nós.
- Prandi, Reginaldo. 2020. *Ogum [Recurso Eletrônico]: Caçador, Agricultor, Ferreiro, Trabalhador, Guerreiro e Rei*. Rio de Janeiro: Pallas.
- Salter, Jasmine. 2016. "Touching Paranoia: A Black Feminist Autoethnography On Race, Desire, And Erotic Massage." Dissertation, University of Pennsylvania.
<https://repository.upenn.edu/server/api/core/bitstreams/49ead460-96d3-4e80-baf6-2979828bdf04/content>.
- Santana, Dora Silva. 2019. "Mais Viva! Reassembling Transness, Blackness, and Feminism." *Transgender Studies Quarterly*, 2019.
- Smith, Christen A., and Lorraine Leu. 2023. *Black Feminist Constellations: Dialogue and Translation Across the Americas*. 1st ed. Austin: University of Texas Press. <https://doi.org/10.7560/328293>.
- Tinsley, Omise'eke Natasha. 2008. *Black Atlantic, Queer Atlantic - Queer Imaginings of the Middle Passage*. Durham, North Carolina: Duke University Press.
- University of Texas at Austin, Texas Global. n.d. "Texas Around the World/Brazil." <https://global.utexas.edu/map/brazil#partnerships>.
- Williams, Bianca C. 2018. *The Pursuit of Happiness Black Women, Diasporic Dreams, and the Politics of Emotional Transnationalism*. Duke University Press.
- Woodly, Deva R. 2021. *Reckoning: Black Lives Matter and the Democratic Necessity of Social Movements*. New York: Oxford University Press.